

# El conocimiento del pasado. Una herramienta para la igualdad

Edición a cargo de

M<sup>a</sup> CARMEN SEVILLANO SAN JOSÉ  
JUANA RODRÍGUEZ CORTÉS  
MATILDE OLARTE MARTÍNEZ  
LUCÍA LAHOZ

Secretaría de Redacción

LAURA HERNÁNDEZ VELASCO

ISBN : 84-89109-48-6

PLAZA UNIVERSITARIA EDICIONES  
SALAMANCA

2005

## MÃES E FILHOS PASSEANDO POR ENTRE EPÍGRAFES...

José D'ENCARNAÇÃO  
Universidade de Coimbra

Transmissora de conhecimentos, a mulher tem pleno direito de ser evocada, por isso mesmo, no âmbito da cultura musical, do flamenco, da numismática romana, da arte pré-histórica, da ciência, no mundo celta, ao serviço do desenvolvimento rural... Faltarão, talvez, um outro olhar. Ou melhor, nem falta faz, porque está à vista de todos: o papel da mulher no marketing, na publicidade! Não a vemos constantemente nas paredes, na televisão, no cinema, nos jornais?... Justificar-se-á, portanto, que vejamos qual terá sido o seu papel no tempo dos Romanos, para melhor consciencializarmos, afinal, o que se passa hoje.

Pela sua presença constante no quotidiano, os monumentos epigráficos constituíam então —tal como, hoje, a publicidade— um elemento de transmissão de saber e de poderosa atracção. Eram feitos para serem vistos e lidos!

Quer como educadora, levando os filhos pela mão e ensinando-lhes a ler a mensagem (social, política, religiosa...), quer como interveniente activa na vida pública e na vida familiar —a mulher romana soube utilizar, com perícia, essa escrita na pedra para se afirmar, sem rodeios, num mundo só aparentemente dirigido pelos homens.

### O PAPEL DOS MONUMENTOS EPIGRÁFICOS

Estuda a Epigrafia, como magistralmente a definiu, mais ou menos por estas palavras, o saudoso Giancarlo Susini, «a forma como, em determinado momento, o Homem seleccionou ideias para as transmitir aos vindouros». Estamos, portanto, perante mensagens pensadas; sintéticas; ambíguas algumas vezes para mais facilmente despertarem a atenção; em que interessa o explícito, mas muito mais o que nelas se pode deduzir como implícito. Uma verdadeira «cultura de rua» (Susini 1982 48).

Marguerite Yourcenar soube captar bem esse papel ímpar dos monumentos epigráficos na paisagem urbana quando pôs na boca do imperador Adriano estas palavras:

«Coisa alguma iguala a beleza de uma inscrição latina votiva ou funerária: essa poucas palavras gravadas na pedra resumem, com uma majestade impessoal, tudo o que o mundo precisa de saber de nós»<sup>1</sup>.

Na verdade, no mundo antigo, a paisagem epigráfica urbana deveria ser impressionante, sobretudo se nos apercebermos como, por exemplo em Uchi Maius, na Tunísia, as epígrafes começaram «a sair da terra» à medida que a escavação prosseguia, ou como em Nîmes a quantidade de epígrafes identificadas provocou a curiosidade de nobres que aí se dirigiram para, com o seu séquito, decifrárem, ajudados pelos peritos, a mensagem ali misteriosamente gravada. Poderá recordar-se, a propósito, o famoso quadro que mostra o Marquês Cipião Maffei a visitar Nîmes, em 1732, para ver os seus monumentos, designadamente os epigráficos —de tal modo que a Comissão Organizadora do X Congresso Internacional de Epigrafia Grega e Latina, que se reuniu precisamente em Nîmes (4-9 de Outubro de 1992), achou por bem ilustrar com esse quadro a capa do livro de actas do congresso<sup>2</sup>, tão significativo ele é do ponto de vista da importância das epígrafes ao longo dos tempos e da curiosidade que sempre despertaram. A *Via dei Sepolcri* de Pompeios é, noutro registo, como necrópole à entrada da cidade, um outro exemplo bem elucidativo do que uma «pedra com letras» podia significar-e significava!

Teve ensejo Giancarlo Susini<sup>3</sup> de salientar como as inscrições romanas, veículo de aprendizagem da escrita e da língua, acabaram por integrar o processo de alfabetização, ensinando, em áreas profundamente romanizadas, as formas verbais da administração; em áreas de escassa romanização, a escrita e, depois, a língua; noutras, constituíam as epígrafes o primeiro passo para o conhecimento da escrita alfabética. Saber ler e escrever —continuo a seguir o testemunho de Susini— era sinal de poder e de prestígio, ainda que os *scribae* fossem escravos; a leitura da inscrição podia ser um acto individual ou colectivo, poderia postular a presença de um exegeta —o que não deixa de ser significativo. Depois, há que ver que o dia-a-dia lida com objectos onde a inscrição se apresenta como elemento primordial: as moedas, o chamado *instrumentum* (escrita em objectos de uso corrente). A escrita monumental funcionava, por seu turno, como autênticos breviários de uma cultura urbana e sedentária, de forma que, por exemplo, a *damnatio memoriae* —ou a *damnatio nominis*, como Silvio Panciera preconizou que tal acção se designasse, no Colloquio Internazionale de Epigrafia «Borghesi 2001» (Génova, 20-22.09.2001)— exercia, de facto, uma importante função político-social.

<sup>1</sup> *A Vida Apaixonante de Adriano*, Editora Ulisseia, Lisboa, s/ d., p. 35-36. Trata-se de uma versão portuguesa das célebres *Memórias de Adriano*.

<sup>2</sup> *Actes du X<sup>e</sup> Congrès International d'Épigraphie Grecque et Latine*, Paris, 1997.

<sup>3</sup> Cf., a título de exemplo, vários dos textos inseridos no volume *Epigraphica Dilapidata*, Fratelli Lega Editori, Faenza, 1997, nomeadamente «L'efficacia dell'epigrafia» (p. 81-98) e «Compitare per via» (p. 157-172); e *Epigrafia Romana*, Jouvence, Roma, 1982, p. 150-156.

«Proprio la scuola-quella dei bimbi della città e di paese, senza precettori illustri —trova nelle iscrizioni i suoi *exempla*. I bimbi, poi, divenuti adulti, riscopriranno tra le lettere quadrate contenute entro righe paralele le emozioni dei loro primi apprendimenti»— é, ainda, Giancarlo Susini (1982, p. 152).

A escrita monumental (*litterae quadratae*), a paginação cuidada transmitem uma mensagem de ordem, são memória codificada, cujo consumo, no entanto, se renova e, inclusive, se modifica através de muitas gerações e, portanto, com impactes diversos. É que, diante de uma inscrição, tu podes parar o tempo que quiseses; dar um passo atrás ou aproximares-te mais. A tua leitura será pessoal, silenciosa, meditada (Susini 1982, p. 153).

Curioso será verificar que, nalgumas epígrafes, aparece uma pontuação intersilábica, a que, a princípio, apenas se atribuiu um valor estético. E porque não ver aí um vestígio dessa aprendizagem e um modo de facilitar a leitura? Escreve Giancarlo Susini (1982, p. 168):

«[...] L'apprezzamento della sillaba, che era parte dell'educazione scolastica [...] e che veniva spesso evidenziata, già da qualche generazione, dalle interpunzioni, poste appunto talvolta tra sillaba e sillaba forse non solo com valore ésonativo ma anche come proiezione di un uso didattico».

E recordaria aqui —porque nessa função de ensino estará certamente a mãe...— um magnífico mosaico do Luxemburgo<sup>4</sup>, onde estão representadas as musas e, no medalhão central, Calíope joga aos dados com Homero. Símbolo também de uma incontestável influência feminina no quotidiano e no cultural? Creio bem que sim.

## A MULHER NA FAMÍLIA

Tempo é, pois, de vermos como, nas epígrafes, se revela a mãe, a mulher e a cidadã.

E retomaria, inclusive, o tema das Musas. Num mosaico da *villa* de Torre de Palma, sita no Alentejo português, o friso das nove musas traz em baixo a seguinte legenda:

SCOPA ASPRA TESSELLAM LEDERE NOLI VTERI F(elix)

«Não queiras estragar o mosaico com uma vassoura dura. Usufriui dele com felicidade!»<sup>5</sup>.

Claro que podemos imaginar estas palavras na boca do proprietário; mas elas competirão muito mais à *Domina*, cujo poder na casa desta forma queda afirmado. É uma ordem preemptória? Talvez. Mas segue-se-lhe um voto gentil —que imagináramos, de preferência, no... feminino!

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, a reportagem da revista *Stern* n.º 20, 11-5-1995, p. 214.

<sup>5</sup> Vide ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, inscrição n.º 602 (p. 663-664) [= IRCP].

Conhecido é de sobejo o epitáfio de Cláudia<sup>6</sup>, datado do século II a. C.:

*Estrangeiro, pouco tenho para te dizer; pára e lê.  
Este é o sepulcro não pulcro de uma pulcra mulher.  
Cláudia foi o nome que lhe puseram seus pais.  
Ao marido amou de todo o seu coração.  
Filhos, criou dois. Destes, a um  
Deixou sobre a terra. O outro sob ela.  
Aprazível a sua fala, gracioso era o seu andar.  
Cuidou da sua casa, fiou lã. Disse. Podes ir-te.*

Passaria a mãe com a filha; leria o epitáfio ou ajudaria a filha a lê-lo e comentaria as virtudes a imitar: amar o marido, criar os filhos, ser agradável na fala e ter graça no modo de andar, cuidar da casa, fiar a lã... As tarefas do quotidiano feminino. Que lição sublime num epitáfio singelo!...

Numa placa proveniente de Monforte, no Alentejo (*conventus Pacensis*), datável dos primórdios do Império e destinada a jazigo de família, *Aquilia Cara*, filha de um indígena, *Camulus* de seu nome, homenageia o marido mandando lavar o seu epitáfio. Aproveita para o fazer também para si, não esquece a fórmula final —«que a terra vos seja leve!»— e deixa espaço quer para se gravar, quando morrer, a sua idade e a fórmula «aquí jaz», que, naturalmente, manda apor a seguir à identificação do marido<sup>7</sup>.

Valerá a pena, porém, realçar a forma como o marido é por ela identificado: *P. Anonius Quirina Silo*. O *cognomen Silo* indicia a sua procedência indígena, o que a ausência de filiação confirma. Trata-se, todavia, de alguém que, pelos seus méritos e posses, foi elevado à categoria de cidadão: por isso está escrita por extenso a tribo — Quirina— em que foi inscrito. Terá sido, sem dúvida, um dos proprietários do que é hoje a Herdade do Mateus, onde a placa se encontrou. Não estamos em ambiente urbano, mas numa unidade de exploração agrária de certo vulto, que teria o seu estatuto, o seu pessoal, a família alargada do proprietário. Importava, pois, que serviços e familiares se dessem devida conta de quem haviam sido as famílias que estiveram na origem do empreendimento. Tinham nascido indígenas, certo! Contudo, a pulso subiram na escala social. *Aquilia* não renega a sua identidade indígena: *Camulus*, seu pai, terá sido um trabalhador honesto que chamou a atenção de uma família *Aquilia* ou, mais provavelmente, de algum legionário que decidiu integrar-lhe a filha na família, dado que o *nomen Aquilia* tem forte probabilidade de derivar de *aquila*, a águia símbolo da legião romana.

Para o objectivo que nos norteia, há, conseqüentemente, um pormenor da maior relevância: é da mulher que parte a iniciativa! Num gesto aparentemente desprezioso e singelo mas que detém um significado profundo, como que para dizer: «Senhores, meu marido foi elevado à categoria de cidadão; eu própria assu-

<sup>6</sup> F. BÜCHELER, *Carmina Latina Epigraphica*, Leipzig, I, 1895, n° 52. Dou aqui a tradução portuguesa de Maria Helena da Rocha Pereira, in *Romana (Antologia da Cultura Latina)*, Coimbra 2000, p. 13.

<sup>7</sup> AE 1977 372; IRCP 578.

mi a onomástica latina, ainda que não renegando as minhas origens, de que me orgulho; foram duas, porém, as famílias que estiveram na base de todo este empreendimento: a de *Silo*, a *Anonia*, e a minha, a *Aquília*».

Passando diante do jazigo de família, no dia-a-dia ou em ocasiões solenes, como no enterro de mais um ente querido, lá estava a placa sobre a porta a perpetuar o gesto de uma mulher — a que, infelizmente, nunca chegaram a fazer a vontade, pois não lhe completaram os dados e ficámos sem saber com que idade acabou por falecer. Mas também essa ausência pode ser simbólica! Como se *Aquília Cara* continuasse viva na herdade que fizera prosperar!...

Idêntico orgulho e idêntica afirmação de presença na comunidade e na família se pode vislumbrar, ainda com mais ostentação, dada a soberba decoração clássica da moldura — uma fiada de pérolas e outra, interna, de preciosas folhas de acanto —, noutra imponente placa de jazigo de família, esta, porém, já em contexto urbano, o da *civitas Igaeditanorum*<sup>8</sup>. Estou a falar da homenagem mandada fazer por *Curia Vitalis marito optimo et sibi*. E — também aqui — a forma como o marido vem identificado é assaz significativa da mensagem que *Curia* deseja transmitir, do ponto de vista social, que do económico a sumptuosidade do monumento falaria por si, a quem, de entrada na cidade, desse com o mausoléu a ladear a via: *C. Curius Pulli f(i)lius Quir(in) Firmanus*. Os *tria nomina* habituais acrescidos da filiação e da tribo. Cidadão romano de pleno direito, filho muito embora de um indígena, *Pullus*, nome que *Curia* muito preza e, por isso, não omite a sua menção, foi inscrito na tribo Quirina, que é a da *civitas*.

Elevados a esse estatuto por uma das ilustres famílias dos *Igaeditani*, os *Curii* — ‘ilustres’ pelo que se pode depreender do que as epígrafes nos dizem, entenda-se, e esta é um dos argumentos<sup>9</sup> — *Firmanus* e *Vitalis* foram nela integrados e aí hauriu, decerto, *Vitalis* esse espírito de iniciativa da Mulher, esse quotidiano familiar ditado no feminino...

Não resisto a aduzir outro exemplo, dos muitos que, neste âmbito, se poderão dar, colhido nas reservas do Museu da História da Cidade de Barcelona<sup>10</sup>. Um bloco moldurado, de função arquitectónica, ostenta a inscrição mandada fazer por *Caecilia Pieris*, liberta de Lúcio, a seu marido, *L(ucius) Caecilius Crescens*, liberto de Lúcio também ele, sêxviro augustal. Acrescenta-se que o monumento, não susceptível de ser transmitido por herança, se destina igualmente à dedicante: *et sibi*. A identidade de *praenomina* do *patronus* de ambos os cônjuges não nos permite concluir se *Pieris* foi libertada pelo marido ou se, ao invés, foi libertada com ele, pela mesma família, a dos *Caecilii*. Contudo, esse é um pormenor de somenos, porque o que importa sublinhar é — mais uma

<sup>8</sup> CIL II 442, ILER 4600. Foto 1.

<sup>9</sup> Luís da Silva Fernandes apresentou sobre esta família uma comunicação às I Jornadas Arqueológicas da Beira Interior (Maio de 1991), que não foi publicada nas respectivas actas. Entretanto, tem continuado a pesquisa sobre os *Curii*, de modo que (espera-se) dentro em breve poderá ser esse texto publicado.

<sup>10</sup> Foto 2. Cf. FABRE (Georges), MAYER (Marc) e RODÀ (Isabel), *Inscriptions Romaines de Catalogne-IV. Barcino*. Paris. De Boccard, 1997, nº 77 (p. 156-157): CIL II 6154

vez!— a iniciativa feminina, que inclusive determina: *hoc monumentum heredem non sequetur!* Não tendo pejo algum em declarar a sua origem, chama a atenção — pelo lugar de relevo que a essa menção dedica na linha 2— para a condição, sobremaneira honrosa, de seu marido ter sido elevado à categoria de membro do colégio sacerdotal que superintendia, na cidade, ao culto votado ao imperador!

Dir-se-á: também há dedicatórias do marido à mulher e, conseqüentemente, também as crianças poderiam observar, assim, o papel do pai na família. De acordo. E já Luís da Silva Fernandes teve ocasião de referir que o importante papel desempenhado pela mulher e bem atestado nas fontes epigráficas —no caso que estudou, o do *conventus Scallabitanus*— não implicava, só por si, a existência de um regime matriarcal<sup>11</sup>. Seja-nos, porém, lícito assinalar que, amiúde, essas dedicatórias deixam transparecer toda uma ternura familiar para que já Georges Fabre chamara a atenção, porque o cativara, acerca dos epitáfios dos libertos na Roma republicana<sup>12</sup>. Darei apenas um exemplo (IRCP 259): *Oriclio* manda pôr epitáfio à sua mulher modelo de piedade (*marite pientissime*), *Florica Agata* de seu nome, sublinhando, todavia, este aspecto singular: *cum quam vixit communes annos XXXXII mensem I*, «com quem viveu em comum durante 42 anos e 1 mês» (ver foto 3). A tradução trai o verdadeiro sentido da frase, ou melhor, não realça todo o significado que se lhe pode imputar. Na verdade, 'viveu' assume aqui o carácter de verbo transitivo, sendo *communes annos XXXXII mensem I* o complemento directo e não o vulgar complemento circunstancial de tempo. Significa, conseqüentemente, que foram anos «vividoss», anos em plenitude, realçando-se, ainda, o requinte de se anotar precisamente: 42 anos e 1 mês! Todo o tempo foi contado!... E ousaríamos perguntar: que melhor elogio fazer? E imaginamos a mãe a ler o epitáfio à filha ou ao filho que leva pela mão... que comentários não lhes suscitariam estas singelas ainda que atabalhoadas linhas?

E os filhos?

A placa dedicada a Cominia Avita, falecida com apenas nove anos de idade, pode aduzir-se como exemplo<sup>13</sup>. São, naturalmente, os pais que lhe erigem o ternurento epitáfio, decorado a meio da segunda linha, quando se menciona a idade, com duas aves estilizadas a debicarem o cacho de uvas que lhes fica a meio, num símbolo de eternidade. *M. Cominius Clemens* e sua mulher, *Vibia Avita*, mandaram fazer à filha e não hesitam em suplicar ao passante: «Rogo-te: diz 'que a terra te seja leve!'». Uma frase nada frequente na epigrafia peninsular, mas que assume aqui todo o seu significado, mormente se repararmos — e esse é um dos aspectos que nos interessa— que pai e mãe se unem na dedicatória, na certeza, ambicionada, de, um dia, à filha virem juntar-se no mesmo sepulcro.

<sup>11</sup> Luís da Silva FERNANDES, «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugalia*, nova série, XIX-XX, 1998-1999, 129-228.

<sup>12</sup> Georges FABRE, *Libertus. Recherches sur les rapports patron-affranchi à la fin de la République Romaine*, Roma, 1981, 191-195. Poderão ver-se, ainda, neste domínio as reflexões que fiz, a propósito do que detectei na epigrafia do *conventus Pacensis*: IRCP, p. 771-772 e 785-786.

<sup>13</sup> Provém também de um ambiente rural (hoje, Herdade da Escrivã, no concelho de Elvas, *conventus Pacensis*). Cf. IRCP 583.

Já numa árula achada em Évora (IRCP 408), é *Allia Nymphe* que memora sua mãe, *Vivennia Badia*, num pleonasma significativo também: *filia matri pietissimae*, «a filha à mãe, modelo de piedade». Tinha 80 anos Vivénia; vivera duas vezes a idade ideal ‘redonda’ e ‘plena’!...

80 anos viveu igualmente *Paccia Lepidina*, porventura em Tróia, junto a Setúbal, mas, aqui, é o neto *Felix* que a recorda, usando inesperadamente um possessivo na primeira pessoa do singular, em contraste com o resto do formulário epigráfico: *aviae meae pietissime an. LXXX posuit Q. L. Felix nepos* (IRCP 219). Este ‘encontro de gerações’ que hoje tanto se preconiza e aqui tão bem documentado está!...

Encontros onde o elemento feminino dá — sempre! — as mãos, designadamente em momentos dolorosos: rude é a estela, de contornos bem irregulares, mas aí se proclama terem sido as irmãs e a viúva que mandaram lavar o epitáfio de *Apano Cilei (filius): statuerunt serores et vidua* (IRCP 416). Monumento também ele de âmbito rural —foi achado numa herdade dos arredores de Arraiolos— a testemunhar femininas solidariedades familiares!...

## A MULHER NA SOCIEDADE OU A SOCIEDADE NO FEMININO

E se os frescos de Pompeios, por exemplo na *Villa dos Mistérios*, nos mostram o cuidado da mulher em arranjar-se para bem parecer na sociedade; se há epígrafes onde, em baixo-relevo, se representam unguentários para os perfumes e os cremes de beleza, o pente, a sombrinha... nunca será de mais observarmos como, usando do pretexto religioso, a mulher frequentemente se impõe em lugar público, deixando gravada bem claro na pedra a sua intervenção.

Encontrou-se em *Pax Iulia* uma ara enorme, com quase metro e meio de altura (IRCP 231). Consagra-a *Stelina Prisca* a *Serapis Pantheus*, em honra (imagine-se!) do filho, *G. Marius Priscianus*. E isso vem claramente acentuado, com mais um pleonasma: *mater filii indulgentissimi*. Normal seria, como noutros casos acontece, que pai e mãe se unissem nesse acto público de devoção, tanto mais que monumento assim era, seguramente, para ser colocado, solene, em lugar de culto. Não é. Apenas a mãe se apresenta, fazendo de conta que bastará o gentilício do filho para identificar a ‘outra’ parte da família.

Já em Silves, na franja meridional do *conventus Pacensis*, a estátua prateada de Júpiter Ótimo Máximo, também em memória do filho querido (*L. Atilius Maximus Severianus*), é mandada colocar pelo pai, *L. Atilius Atilianus*, e pela mãe, *Artullia Severa* (cf. IRCP 60). Contudo, é bem de ver pela onomástico do filho (tem o segundo *cognomen* formado a partir do *cognomen* da mãe), ambas as famílias partilham entre si a notoriedade local.

E virá a talhe de foice, uma vez que falamos do casal irmanado num ex-voto, uma vez que há a tendência a considerar a religião ou as manifestações religiosas mais próprias das mulheres que dos homens, interrogarmo-nos acerca de uma dedicatória *Arentiae et Arentio*: será que estamos perante duas divindades, ou melhor, um ‘casal’ de divindades, como se de marido e de mulher se tratasse? Já

tive ensejo de me debruçar sobre este tema<sup>14</sup> e a minha opinião a este respeito é muito clara: às divindades não se atribui um sexo; por isso se representam ora no masculino ora no feminino, ora —como no caso vertente— na dúvida se referem os dois géneros, numa de *sive deus sive dea*, 'quer seja um deus quer seja uma deusa'...

Para além destas iniciativas de âmbito religioso, onde, na verdade, a mulher parece não ter descurado um papel primacial, casos há de eloquente estratégia político-social. Veja-se o caso de um cipo de Balsa (IRCP 79) que diz o seguinte:

*A Tito Mânlio Faustino, filho de Tito, da tribo Quirina, natural de Balsa. Mânlia Faustina, filha de Tito, a irmã, ao irmão modelo de piedade, duúnviro por duas vezes, por decreto dos decuriões, tendo oferecido um banquete.*

Trata-se, sem dúvida, de homenagem póstuma. Habitualmente, seriam os duúnviros, após decreto dos decuriões que, em nome dos cidadãos, levariam a cabo a iniciativa. Aqui não: é a irmã. E —mais uma vez!— o pleonasma (irmã / irmão) acentua parentescos, como que a explicitar: «Meus senhores, família importante somos, também do lado feminino, que iniciativas destas sabemos levar a cabo e com êxito!».

## A CIDADÃ: O FEMININO NA POLÍTICA

O texto anterior leva-nos, por consequência, a abordar o último aspecto que nos propusemos: será a política, entre os Romanos, um *negotium* exclusivo dos homens?

Ler Suetónio (*A Vida dos Doze Césares*), mesmo considerando invenção algumas das passagens sobre manobras de concubinas e de princesas, depressa nos damos conta de que, afinal, muito da política se passa nos bastidores e tem mão feminina a regê-lo. Mãos são, também, as das vestais que, de polegar para cima ou para baixo, decidem, perante o olhar indolente do imperador, se o gladiador que implora clemência a terá ou vai morrer; por isso, ainda hoje nos impressiona, em pleno coração de Roma, a Casa das Vestais, pejada no seu pátio interior das públicas homenagens às que, no desempenho de funções, mais se notabilizaram então. E se, mesmo nas casernas dos *vigiles* de Óstia, não nos vai causar admiração encontrarmos uma dedicatória oficial *Iuliae Aug(ustae), matri Augusti et kastrorum*, a sublinhar o papel fundamental que Júlia Domna teve não só como mãe de Caracala mas também como «mãe dos acampamentos», um título bem representativo do seu poder e influência, curioso será verificar que, na Lusitânia que é hoje Portugal, os únicos testemunhos de senadores nos hajam sido transmitidos através de sumptuosos monumentos funerários mandados erguer pelos elementos femininos dessas famílias.

Assim, IRCP 383 é o fragmento, muito bem decorado à maneira clássica, do lintel epigrafado do jazigo de um decênviro *stlitibus iudicandis*, ou seja, de um membro da comissão de dez membros encarregada de julgar as contestações em

<sup>14</sup> «O sexo dos deuses romanos», *Scripta Antiqua*, Valladolid, 2002, p. 517-525.

matéria de estado civil, particularmente os casos reais ou pretensos de usurpação da cidadania romana. Trata-se de uma das funções preliminares da carreira senatorial, integrada no vigintivirato, no fundo a primeira e, quiçá, a única que o defunto exerceu. Razão de sobejo para orgulho da mãe, *Iulia Avita*, que em sua honra mandou erguer tão requintado monumento<sup>15</sup>.

A ara magnífica (foto 6) que *Catinia Aciliana, clarissima femina, sua pecunia fecit* à tia, *Canidia Albina (clarissimae memoriae femina)* e ao filho desta, seu primo-irmão (*consobrinus*), *Catinius Canidianus, clarissimae memoriae vir*, insere-se claramente no mesmo horizonte político-social. Procedente também da cidade de Évora (IRCP 381), mostra esta ara como o elemento feminino chama a si a missão de salientar a existência de duas famílias integradas na ordem senatorial e ligadas entre si por estreitos laços de parentesco. E se não ousou ir tão longe como Robert Étienne *et alii*, que vêem aqui, na atitude da tia, o reflexo claro dum regime matriarcal<sup>16</sup>, não há, porém, a mínima dúvida de que, na sociedade eborense de finais do século II, primórdios do século III, detinha a mulher um posição notavelmente preponderante.

Isso mesmo se poderá demonstrar com mais um monumento epigráfico, a grande placa com que *Calpurnia Sabina* deliberou assinalar o cenotáfio de seu marido (*maritus optimus*) e dos dois filhos (IRCP 382). Valerá a pena insistir no conteúdo desse texto, pois ele se insere nitidamente na assunção por parte da mulher de um papel político-social de relevo. Com efeito, em relação a Quinto Júlio Máximo, a mulher identifica-o como *clarissimus vir* (omitindo, curiosamente, como também o fará em relação aos filhos, a palavra *memoria*, de conotação fúnebre, passada...) e manda gravar na pedra, por ordem directa,

<sup>15</sup> Desconhece-se, em boa verdade, a extensão da epígrafe —ver fotos 4 e 5. Teremos de pensar que, na 1ª linha, haveria a identificação do decênviro, os seus *tria nomina* pelo menos; nesse caso, no começo da l. 2, haveria espaço ou para a indicação de mais um cargo, o tribunado militar, por exemplo, ou a identificação do pai— com nomes ou simplesmente com PATER. São ambas sugestões apresentadas por Scarlet Lambrino (a menção da idade, que Lambrino também apresenta como passível de estar patente na epígrafe, já se me afigura mais difícil de aceitar, tendo em conta a tipologia do fragmento). Ao monumento tem sido sempre atribuída uma conotação funerária, atendendo à presença da palavra *mater*, que, por norma, é mais própria desse ambiente. Já a decoração tanto pode ser funerária como não. Repondo, pois, a questão da interpretação do texto, creio, com toda a sinceridade, que a epígrafe poderá merecer, de futuro, uma reflexão maior. Primeiro, porque XVIR está claramente em nominativo (habitualmente consideramos que se subentendeu o O); depois, porque a fórmula final ITEMQVE D · D ...quer se interprete D(ono) D(edit) ou D(e)D(icavit) no singular ou no plural— se prende mais, queiramos ou não, com um contexto monumental ou religioso. Ou seja, poderemos ter, por exemplo, um monumento que o filho, jovem ingressado na carreira senatorial, em colaboração com os pais ou só com a mãe, ofereceu ou dedicou, justamente orgulhosos todos dessa ascensão social. Para o efeito que nos prende, as diferentes interpretações não alteram, no entanto, o significado do papel político-social da mulher aqui manifesto.

<sup>16</sup> «Le rôle des oncles marque les survivances d'une société matriarcale», afirmação feita em comentário à epígrafe AE 1971 162, in ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges), LE ROUX (Patrick) e TRANOY (Alain), «Les dimensions sociales de la romanisation dans la Péninsule Ibérique des origines à la fin de l'Empire», *Assimilation et Résistance à la Culture Gréco-Romaine dans le Monde Romain* (Travaux du VI<sup>e</sup> Congrès International d'Études Classiques, Madrid, 1974), Bucarest-Paris, 1976, p. 100.

todo o currículo que teve, porque, para ela, na circunstância, todo ele interessava reter: questor da província da Sicília, tribuno da plebe, legado da província da Gália Narbonense e pretor designado. Se considerarmos que se podia assumir o consulado, a suprema magistratura, a partir dos 33 anos e que Máximo morre aos 48 estando ainda como pretor designado, hemos de convir que o seu ingresso na carreira senatorial se deu tardiamente, sendo, portanto, um dos burgueses municipais cujo prestígio e poder o guindaram a tão subida posição, arrastando com ele os filhos, infelizmente falecidos também eles na flor da idade, quando ainda se encontravam a exercer uma das funções preliminares da carreira, integrada também ela no vigintivirato: eram quatuórviros *viarum curandarum*, isto é, ajudavam os edis na conservação das ruas de Roma —mais um cargo que servia de estágio numa carreira onde tão diversificadas missões havia a cumprir.

A placa —de 60,5 cm de altura por 118,5 cm de comprimento— ornaria a fachada de imponente edifício na *villa* romana sita em Nossa Senhora da Tourega, nos arredores de Évora. Aí viveram, pois, senadores de duas famílias: a *Iulia* (que pode ser —ou não— a mesma a que pertence a mãe do decênviro *stlitibus iudicandis* atrás referido) e a *Calpurnia*; e é uma mulher da *gens Calpurnia* que no-lo dar a conhecer, perpetuando a sua memória e a do marido e dos filhos.

Ou seja, registam-se em *Ebora Liberalitas Iulia* cinco ou seis famílias senatoriais (a *Calpurnia*, a *Canidia*, a *Catinia*, a *Iulia* —ou duas *Iuliae*— e a do filho de *Iulia Avita*) e são mulheres quem no-las dar a conhecer, através de imorredoiros monumentos epigráficos, ainda hoje notáveis e que bem chamariam a atenção já na altura, na paisagem urbana e na paisagem rural.

Não é, pois, de estranhar que também nessa franja ocidental da Lusitânia se tenha notabilizado uma outra mulher, *Flavia Rufina*, natural de *Emerita Augusta*, que, tendo exercido as funções de flamínia provincial, haja sido nomeada depois flamínia perpétua de *Emerita* e do *municipium Salaciense*. Ela própria se dá a conhecer, mandando erigir grandioso altar ao deus maior do panteão romano: Júpiter Ótimo Máximo (IRCP 183).

Em suma: poderá pensar-se que, para efeitos de uma demonstração, se seleccionaram aqui apenas os documentos que interessavam e se omitiram outros que poderiam ir em sentido inverso. Não o nego. Contudo, a evidência patente nas epígrafes apresentadas é, não haja dúvida, deveras eloquente.

Imaginamos, conseqüentemente, as mães passeando-se com os filhos por entre esta paisagem epigráfica<sup>17</sup> das suas cidades e dos campos (onde ainda mais ressaltariam). E os filhos tentariam soletrar; e as mães ajudariam a ler o explícito e, sobretudo, a interpretar o implícito, onde, sentimo-lo bem, o seu papel de mães, mulheres e cidadãs estava suficientemente assinalado —que por mãos alheias não haviam sido deixados seus créditos...

Na verdade, frio era o mármore; pesadas, as pedras; solenes, os monumentos... Dir-se-ia tudo no masculino, um *negotium!* Era-o também, no entanto, delicioso *otium* para a Mulher, nesse doce conluio entre a sedução e o poder!

<sup>17</sup> É expressão bem apropriada de Giancarlo Susini. Integra, aliás, o título de um dos capítulos (p. 48-59) da citada obra *Epigrafia Romana*.



Foto 1 - CIL II 442.

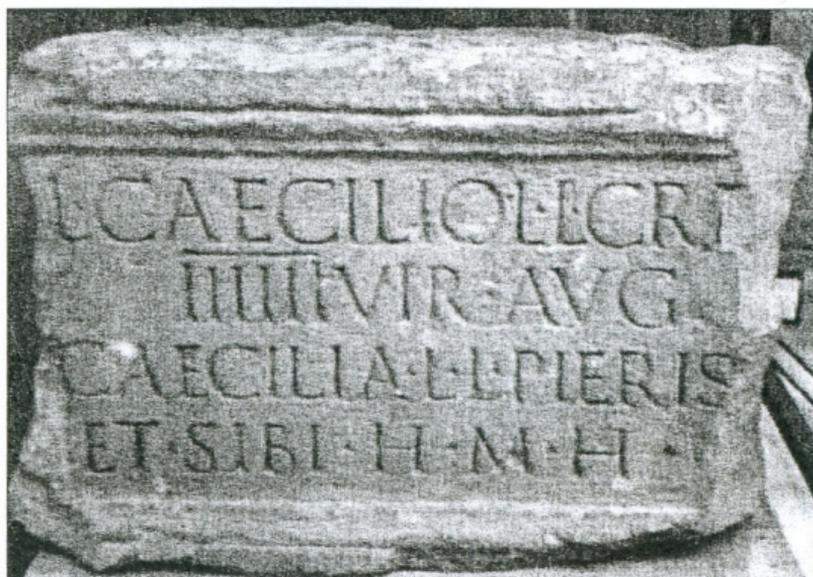


Foto 2 - CIL II 6154.



Foto 3 – IRCP 259.

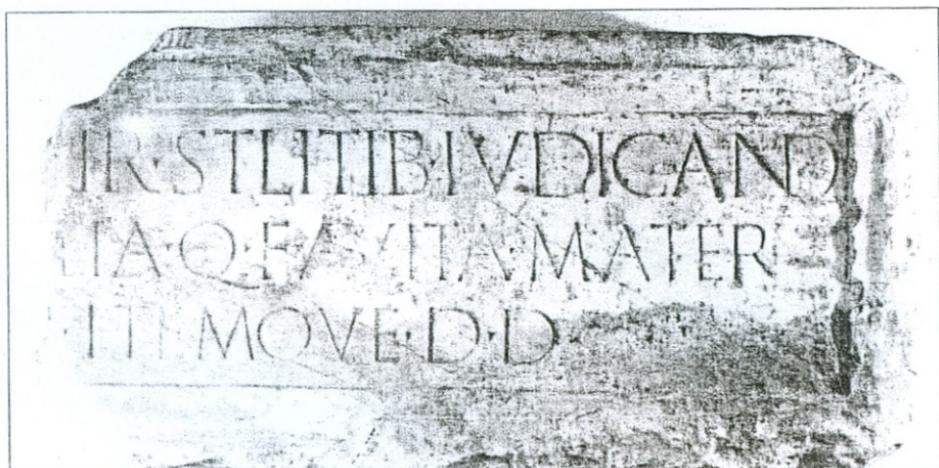


Foto 4 – IRCP 383.

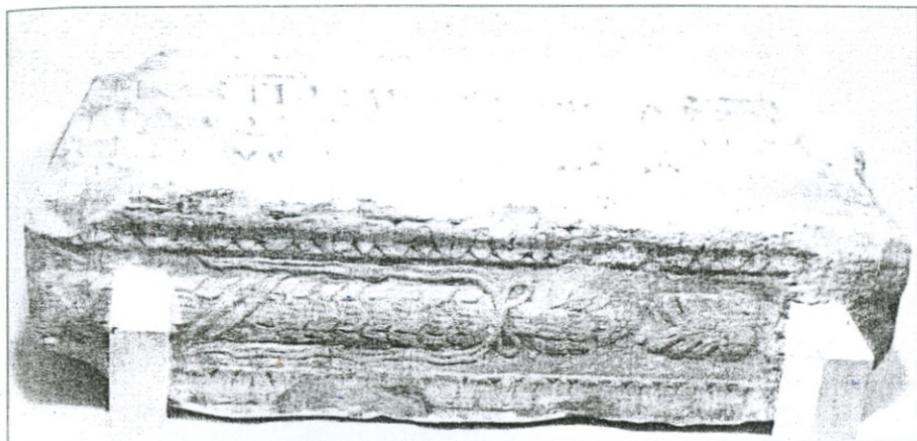


Foto 5 – IRCP 383.



Foto 6 – IRCP 381.